



FLACSO
2022

O USO DA INTERSECCIONALIDADE EM ANÁLISES DE TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES.

Bárbara Fernanda Estevanato¹

Universidade Estadual de Campinas

Deise da Silva Martins²

Universidade Estadual de Campinas

Eje temático 01: Gênero, desigualdade, exclusão, múltiplas discriminações e sistemas de opressão.

V Congreso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales. *“Democracia, justicia e igualdad”*

FLACSO URUGUAY. www.flacso.edu.uy. Teléf.: 598 2481 745. Email: secretaria@flacso.edu.uy



Resumen

Este trabalho tem como objetivo apresentar como as relações sociais de poder perpassam as experiências de mulheres tanto no sistema educacional como em suas escolhas de carreiras profissionais a partir de duas pesquisas de mestrado desenvolvidas no departamento de Educação e Ciências Sociais na Faculdade de Educação (UNICAMP) que estudam desigualdades. Uma dessas pesquisas investigam trajetórias de mulheres negras que decidem se tornar bailarinas clássicas profissionais no Brasil, considerando a baixa presença ou inexistência de mulheres negras nesse ambiente e, a outra, analisa mulheres estudantes da Educação de Jovens e Adultos que precisaram sair da escola ou nunca a frequentaram por motivos de ordem variadas como questões envolvendo racismo, violência doméstica, desigualdades financeiras, gravidez na adolescência, entre outros fatores, mas que retornaram ao processo educacional já adultas. Em ambas as pesquisas observamos que as trajetórias dessas mulheres foram influenciadas por relações sociais de poder interseccionais, por isso as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade e faixa etária nos ajudam a analisar as desigualdades que perpassam as experiências individuais na vida cotidiana das interlocutoras levando em consideração as estruturas interseccionais como desigualdade social, relações de poder, contexto social, relacionalidade, complexidade e justiça social. Como metodologia, nossas pesquisas compartilham do uso de entrevistas com questionários semiestruturados que buscam compreender dessas mulheres suas experiências nesses ambientes formativos e como as variadas formas de opressões interferiram em suas escolhas ou conduziram na a fazer escolhas que talvez não fossem suas prioridades e como elas enfrentam. De modo, que ao encararmos as relações sociais que formam o plano de fundo de experiências e trajetórias dessas mulheres entendemos melhor o detalhe das situações que afetam as biografias individuais que procuramos conhecer, ajudando no enfrentamento das desigualdades econômicas, raciais e de gênero conectados à uma teoria e uma práxis crítica que promova justiça social.

Palabras clave: Mulheres, trajetórias, experiências, interseccionalidade.



Introducción

Em 2021 nós ingressamos no Mestrado na Linha de Educação & Ciências Sociais da Faculdade de Educação e fomos alocados no Grupo de estudos sobre Educação Instituições e Desigualdade com orientação da Professora Dr^a Helena Altmann. Nesse momento passamos a compartilhar nossos projetos de pesquisa e percebemos que apesar de objetivos de pesquisa diferentes, nossos trabalhos se conectam analiticamente.

A pesquisadora Deise Martins investiga trajetórias de mulheres negras que decidem se tornar bailarinas clássicas profissionais no Brasil considerando a baixa presença ou inexistência de mulheres negras nesse ambiente. Essa investigação acontece a partir de pesquisas bibliográficas e entrevistas com mulheres que tiveram formação clássica, que atuaram ou ainda atuam profissionalmente como bailarinas em companhias de dança e tem como principal estilo o ballet clássico. Assim, pensa-se em descobrir quais motivos levam à exclusão da mulher negra neste ambiente.

Enquanto que a investigação da Bárbara Fernanda Estevanato analisa mulheres estudantes da Educação de Jovens e Adultos que precisaram sair da escola ou nunca a frequentaram por motivos de ordem variadas como questões envolvendo racismo, violência doméstica, desigualdades financeiras, gravidez na adolescência, entre outros fatores, mas que retornaram ao processo educacional já adultas.

Em ambas as pesquisas observamos que as trajetórias dessas mulheres foram influenciadas por relações sociais de poder interseccionais, por isso as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade e faixa etária nos ajudam a analisar as desigualdades que perpassam as experiências individuais na vida cotidiana de nossas interlocutoras:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades



FLACSO 2022

marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionais e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, P; BILGE, S. 2021, p.15).

Desta maneira é possível utilizar as estruturas interseccionais como desigualdade econômica, relações de poder, contexto social, relacionalidade, complexidade e justiça social para observar as experiências individuais na vida cotidiana das pessoas que conversamos em nossas pesquisas.

Desigualdade econômica/ social

A interseccionalidade ao focar nas estruturas sociais de poder como raça, gênero e idade muda a forma que entendemos também as questões de distribuição de riqueza, renda, acesso ao trabalho, emprego e as desigualdades econômicas, permitindo compreender como as pessoas se posicionam no mundo de modo que “alguns grupos são especialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas” (COLLINS, P. BILGE, S. 2022, p.33).

Assim, a interseccionalidade estimula a pensar de forma analítica sobre a disparidade de riqueza e dificulta explicações somente por classe, pois as estruturas interseccionais revelam como gênero, raça, sexualidade, idade, etc se relacionam em interações complexas e emaranhadas às desigualdades econômicas.



FLACSO 2022

Relações de poder

Quando estudamos os casos de desigualdades é importante também pensar nas interseções das relações que são importantes para a análise em conjunto com os domínios do poder, tais quais o racismo, patriarcalismo, sexismo, machismo, heterossexismo, dentre outras formas de opressão.

Assim, as relações de poder envolvendo as identidades interseccionais como raça, classe, gênero, sexualidade, idade, etc moldam as interações sociais e com as pessoas vivenciam os preconceitos. De modo que ao analisar as relações de poder por meio da interseccionalidade permite compreender, por exemplo, como o racismo é vivenciado de formas distintas entre homens e mulheres, ou como as origens étnicas e raciais de mulheres faz com que elas vivenciam o seximo de maneiras distintas, ou ainda como a classe permite ou não, o acesso a lugares e instituições de acordo com o grupo econômico de pertencimento.

Contexto social, Relacionalidade e Complexidade

Outras estruturas centrais nas análises interseccionais são necessárias para compreender pesquisas que utilizam a ferramenta analítica da interseccionalidade, entre eles o Contexto Social, a Relacionalidade e a Complexidade .

O contexto é muito importante para uma análise porque ajuda a situar a pesquisa. De modo que ao estudarmos as experiências e trajetórias de mulheres brasileiras, focamos no contexto nacional brasileiro e os contextos particulares dentro dele. Por exemplo, ao discutir sobre as questões de raça e racismo no Brasil, os contextos nacionais sobre esse tema precisam ser levados em consideração.

Já a relacionalidade permite pensarmos a partir de interconexões e não em categorias de oposições, e a complexidade nos faz entender que a



FLACSO 2022

interseccionalidade é multifacetada e que de acordo com o que estamos estudando é necessário adicionar outras categorias analíticas. Assim, por exemplo, ao estudarmos desigualdades educacionais, ao invés de fazer uma investigação focada apenas nas desigualdades de classe, percebe-se que ao somarmos mais categorias de acordo com a demanda que a pesquisa vai trazendo como raça, gênero, sexualidade teremos um trabalho mais valioso e ao mesmo tempo complexo.

Justiça Social

Por fim, mas não menos importante, análises interseccionais têm na teoria e na prática uma forte ligação com a justiça social. Nossas pesquisas investigam as experiências e trajetórias de mulheres por uma ótica que tem como foco compreender as desigualdades sociais e raciais que perpassam em suas vidas, de maneira que nossas pesquisas se comprometem com as ideias de Justiça Social em um país que prevalece regras e práticas discriminatórias.

Portanto, este trabalho tem como objetivo apresentar a partir de duas pesquisas de mestrado desenvolvidas no departamento de Educação & Ciências Sociais na Faculdade de Educação (UNICAMP) que estudam desigualdades, como as relações sociais de poder de categorias interseccionais como classe, raça, gênero entre outras perpassam as experiências de mulheres brasileiras no sistema educacional que frequentam a Educação de Jovens e Adultos e também nas trajetórias de bailarinas negras em suas carreiras profissionais.

Desenvolvimento

A mulher negra no balé clássico no Brasil: atuação em caráter profissional



FLACSO 2022

Esta pesquisa, que está sendo realizada pela pesquisadora Deise da Silva Martins na Faculdade de Educação da Unicamp tendo como orientadora a professora Doutora Helena Altmann, busca compreender de que forma determinados temas perpassam a formação dessas mulheres dentro do balé clássico e como influenciam em suas vidas pessoais e profissionais. O estudo passeia por uma interseção de temas que acaba tornando a vida da mulher negra mais vulnerável, são eles: corpo, gênero, raça e classe social, tudo isso atrelado ao ambiente do balé clássico.

O balé teve sua origem na corte da Europa, inicialmente através de homens e posteriormente tendo esse legado passado para as mulheres, que durante o período romântico houve uma transformação, de vestimentas, movimentos, forma de apresentações, etc. A principal marca dessa transformação foi a inserção do uso das sapatilhas de pontas, onde as bailarinas passavam a impressão de que estava flutuando, acompanhando também o novo formato de apresentações, que eram ligados ao misticismo - bailarinas eram fadas, seres sobrenaturais, frágeis e inalcançáveis. A primeira bailarina que estreou com essas sapatilhas era uma mulher branca, tinha um corpo bem magro e franzino, o que foi tomado como referência para as demais - uma bailarina precisaria contemplar tais características para adentrar neste espaço. Além das características físicas, essa mulher precisaria ter uma expressividade que indicasse fragilidade, necessidade de proteção masculina ou até mesmo indicar uma aparência de pessoa doente, pois quanto mais branca a pele, próximo da palidez, melhor seria a encenação esperada por profissionais e admiradores desta arte.

Voltando para a mulher negra, começo a dizer que no Brasil, grande parte da população pobre é negra, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, apontam que esta população somatiza mais 50%, o que acaba inviabilizando ou dificultando adentrar este espaço, pois se trata de uma prática que é necessário, em termos tradicionais, que se tenha um poder aquisitivo médio que garanta os custos de manutenção com



FLACSO 2022

frequência, como mensalidades, roupas, deslocamentos, profissionalização, tempo disponível, etc. Rompendo ou inexistindo essa barreira social, há a questão do corpo e do gênero, pois, a mulher negra foi colocada na sociedade em local de subalternidade, tendo dificuldade de aceitação em ambientes que não represente a servidão. Além de ter sua aparência distante do que se tem como ideal para uma bailarina clássica em dada proporção, a mulher negra nem ao menos é vista como uma mulher, quiçá, frágil, delicada e que precisa ser protegida. A metodologia se dará através de pesquisa bibliográfica, uma coletânea de autoras e autores que contemplem tais temas, alguns nomes são: Moura, 2001); Kilomba, 1968; Sant'anna, 2014; Vigarello, 2006; González e Fensterseifer 2014; Soares, 2021; Launay, 2003; Achille Mbembe, 2014; Guimarães, 2009; Scott, 1990; Piscitelli 2001; Nicholson 1999; Crenshaw, 2016; Gonzales, 2018; Nascimento, 1976; Carneiro, 2011; Truth, 1851, dentre outros.

Além da pesquisa bibliográfica optamos por entrevistas, que serão feitas com bailarinas negras brasileiras que atuaram ou ainda atuam em companhias de balé clássico. Através de suas falas sobre suas trajetórias de formação na atuação no mercado de trabalho, e das referências bibliográficas analisaremos e concluiremos quais fatores inviabilizam ou dificultam a presença da mulher negra no balé clássico em caráter profissional.

As experiências de mulheres na Educação de Jovens e Adultos

Apesar de avanços no acesso à Educação Básica no Brasil, principalmente no Ensino Fundamental, como por exemplo o fato da escolarização da faixa etária entre 6 a 14 anos ser de 99,7%, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-2019), alguns dados divulgados dessa mesma pesquisa nos coloca um sinal de alerta referente ao elevado índice de abandono escolar.



FLACSO 2022

Conforme a PNAD, aproximadamente 20,2% ou 10,1 milhões de pessoas da população brasileira não completaram alguma das etapas da Educação Básica, sendo 58,3% de homens e 41,7% de mulheres. Nos dados da PNAD também são expressos a relação raça/cor em que observamos a população preta e parda entre a maioria no que se refere tanto ao analfabetismo como abandono escolar. Ainda sobre as motivações do abandono escolar, a necessidade de trabalho e a falta de interesse são os principais motivos tanto para homens quanto para as mulheres, no entanto mulheres passam por evasão escolar também por motivos de gravidez, filhos e afazeres domésticos, motivos que não são expressados entre os homens.

Dessa maneira, medidas para lidar com essa situação de desigualdade educacional passou a ser tomadas, entre elas, é criada em uma seção específica da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/1996) uma modalidade de ensino denominada oficialmente como Educação de Jovens e Adultos e institucionalizada como modalidade da Educação Básica para atender as pessoas que não tiveram acesso ou precisam abandonar o processo de escolarização na dita idade “convencional”.

Vale ressaltar que educação tem um papel na superação da realidade desigual brasileira (CARREIRA, Denise, 2015, pp. 78-79), e estudos sobre Educação de Jovens e Adultos podem ser um espaço para compreensão das desigualdades de gênero, racismo, discriminação por orientações sexuais e identidades de gênero que permeiam as trajetórias do alunado dessa modalidade da educação.

Para isso, desde o início de 2022, Bárbara passou a acompanhar as atividades, aulas e reuniões de um projeto a nível de Ensino Fundamental II na modalidade de Educação de Jovens e Adultos organizado pela Rede Municipal de Educação da cidade de Campinas - SP.



FLACSO 2022

Este projeto é uma escola experimental situada na região noroeste de Campinas, onde se localiza um dos maiores distritos da cidade com cerca de 200 mil habitantes. Essa região é de expansão territorial recente, concentrando vários empreendimentos imobiliários subsidiados pelo governo, também conta com uma população migrante, com muitos moradores de baixa renda, menor escolarização e marcada racialmente (MARQUESIM, Dejanira, 2019).

Com essa pesquisa em andamento foi possível conversar até o momento com nove mulheres. Seis dessas mulheres são negras que se auto determinam pardas e pretas e três delas são brancas e têm entre 31 a 67 anos de idade. Conversei com Joana (31 anos), Paola (35 anos), Patrícia (40 anos), Geisa (42 anos), Cleide (44 anos), Silvia (49 anos), Márcia (61 anos), Tânia (65 anos) e Dora (67 anos) sendo que somente duas são do Estado de São Paulo e todas as outras passaram por processo de migração de outros estados do Brasil para o estado de São Paulo.

As alunas do projeto precisaram deixar a escola por diversos motivos, como é o caso da Silvia que pai não permitia estudar com professores homens ou nem se quer estudar, já que isso não era importante para mulheres como aconteceu com a Geisa.

Outras tiveram dificuldades de aprendizagem, como é o caso de Dora, Paola e Patrícia, passando inclusive pela experiência da retenção da série escolar por mais de uma vez. Cleide, Márcia e Tânia tinham a necessidade de trabalhar e dificuldade financeira para se manter na escola e a Joana passou precisou deixar a escola porque se casou e ficou grávida no início da adolescência..

Essas mulheres se casaram muito cedo, tendo em média cada uma três filhos. Por essa responsabilidade somado às condições de relacionamento, muitas vezes abusivos, contando inclusive com agressões físicas e verbais, muitas não conseguiram retornar à escola antes.



FLACSO 2022

É importante mencionar que mulheres viúvas ou divorciadas têm mais facilidade no processo de retorno aos bancos escolares do que as mulheres casadas que passam por dificuldades em seus relacionamentos conjugais, principalmente relacionado ao fato de estarem frequentando a escola. As mesmas precisam lidar com machismo e o sexismo na rotina, em que além de terem uma tripla jornada entre trabalho, casa e estudo, passam por discussões e brigas e precisam fazer negociações com os maridos para frequentar as aulas.

No processo de retorno a escola por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos elas chegam com diversos objetivos - as motivações das alunas mais jovens estão relacionadas às expectativas de terem a oportunidade de concorrer em vagas de trabalho que exijam escolaridade, e inclusive continuar os estudos no Ensino Médio e frequentar cursos técnicos e também terem uma certificação para fugir das humilhações e preconceitos que passam no trabalho.

Outras retornaram à escola porque sentem necessidade e vontade de aprender mais e tem a escola como um espaço de expansão de horizontes, espaço de aprendizagem e inclusive de superação. Já as mais idosas, além de terem como sonho terminar a escolaridade, enxergam na escola uma oportunidade de terem amigos e amigas, não se sentirem sozinhas, já que os filhos são adultos e podem ocupar o tempo com outras responsabilidades e atividades após a aposentadoria.

Portanto, assim como outras pesquisadoras já investigaram o tema sobre os percursos escolares de mulheres da EJA (BASTOS, Ludmilla; EITERER, Carmem, 2017; RUAS, Thatiane; QUIRINO, Raquel, 2019) trabalho, gravidez, maternidade, e outros, na maioria das vezes, são colocadas como motivos principais do abandono escolar. Além disso, os dados coletados até o presente momento da pesquisa permite inferir que a interseccionalidade das relações de gênero, raça, idade, classe social entre



FLACSO 2022

outras moldam de forma significativa as experiências das mulheres, alunas da Educação de Jovens e Adultos, vindo na EJA por necessidade ou interesse pessoal a oportunidade de retornarem aos bancos escolares, permitindo uma nova possibilidade da escola receber uma nova oportunidade para com essas pessoas, abrindo espaços de transformação da realidade de suas trajetórias pessoais e coletivas como também na construção do acesso à direitos.

Metodologia

Como metodologia, nossas pesquisas compartilham do uso da bibliografia. Antônio Carlos Gil define que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008, p. 50), proporcionando uma investigação às pesquisas já feitas sobre temas parecidos com os nossos, agregando à discussão e fortalecendo o banco de dados sobre temas que consideramos de grande relevância para o avanço da humanidade.

Além do acervo bibliográfico, optamos também por utilizar entrevistas com questionários semiestruturados. “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (GIL, 2008, p. 109). Desta forma, buscamos compreender essas mulheres, suas experiências nesses ambientes formativos e como as variadas formas de opressões interferiram em suas escolhas ou conduziram-na a fazer escolhas que talvez não fossem suas prioridades e como elas enfrentam.



Considerações Finais

A partir do desenvolvimento dessas duas pesquisas temos observado que não basta analisar o sujeito, ou os sujeitos, a partir da singularidade do problema, é preciso analisar a situação como um todo, entendendo que as camadas se somatizam formando o ser humano e suas relações individuais e coletivas.

Vale dizer que ao pensarmos em nossas interlocutoras a partir da perspectiva da interseccionalidade evitamos uma prática essencialista que considera as experiências de forma monolítica, no qual possibilita ter a visão de diferentes pontos de vista e nos ajuda a fazer análises e até teorias que reúnam conhecimentos mais plenos e inclusivos. Além disso, nos permite o desenvolvimento de empatia pelas perspectivas e as experiências das pessoas. “A empatia começa com um interesse nos fatos das vidas das outras pessoas, como indivíduos e como grupos” (COLLINS, Patricia, 2015, p.35).

De modo, que ao encararmos as relações sociais que formam o plano de fundo de experiências e trajetórias dessas mulheres entendemos melhor o detalhe das situações que afetam as biografias individuais que procuramos conhecer, ajudando no enfrentamento das desigualdades econômicas, raciais e de gênero conectados à uma teoria e uma práxis crítica que promova justiça social.

Agradecimentos

Agradeço a Fundação de Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fomento à pesquisa via processo nº2021/08064-4 de Bárbara Fernanda Estevanato.



FLACSO 2022

Além disso, para Deise da Silva Martins, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"/ "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001" em conformidade com a Portaria CAPES nº 206, de 4 de setembro de 2018.

Referencias bibliográficas

BASTOS, Ludmilla.C; EITERER, Carmem.L (2017).. Reconfiguração das relações de gênero e cotidiano das mulheres educandas da EJA. Educação & Formação, v. 2, n. 6 set/dez, p. 42-53.

BRASIL (1996). Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em: & lt; http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>; Acesso em: 20 jan. 2020.

CARNEIRO, Sueli. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 49, 49-58.

Carreira, Denise. (2015). Igualdade e diferenças nas políticas educacionais: a agenda das diversidades nos governos Lula e Dilma (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

COLLINS. Patricia, H. (2015). Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. Montero R, organizador. Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF.



FLACSO 2022

- _____, & Bilge, Sirma. (2021). Interseccionalidade. Boitempo Editorial.
- CRENSHAW, Kimberlé. (2016). A urgência da interseccionalidade. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt. 2016. Acessado em: 28/09/2022, minuto 4:47-5:05
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (2009). Racismo e antirracismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GONZÁLEZ, F. J., & FENSTERSEIFER, P. E. (2014). Dicionário crítico da Educação Física. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí.
- KILOMBA, Grada (2020). Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. TRAD. JESS OLIVEIRA. RIO DE JANEIRO: COBOGÓ, 2019. *Artefilosofia*, 15(28), 226-232.
- LAUNAY, Isabelle. (2003). O dom do gesto. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. (Orgs). *Leituras do Corpo*. São Paulo: Annablume, p. 89 - 117
- MARQUESIM, Dejanira. F. (2019) Território Educativo como garantia dos direitos constitucionais: um caminho possível?. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
- Moura, Kátia. Cristina. (2001). Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos: existe um corpo ideal para a dança?.
- NASCIMENTO, Beatriz. (2010). A mulher negra no mercado de trabalho. Publicado originalmente no jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/?gclid=CjwKCAjwp7eUBhBeEiwAZbHwkTRVGs1E5DjBMHbCn->



FLACSO 2022

VxfeT0DB0Px0qIDzhL6MEbnItU6ysP59CzZxoC5JcQAvD_BwE.

Acesso em: 25/05/2022.

RUAS, Thatiane; QUIRINO, Raquel. (2019) A interseccionalidade das relações sociais de sexo, idade, raça/cor no contexto da EJA: Apontamentos teórico-metodológicos. In: 4º Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 4., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: Desfazendo Gênero, 2019. v. 1, p. 1-14.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (2014). História da beleza no Brasil. São Paulo – SP: Contexto,

SCOTT, Joan. W., Maluf, Marina. (1998). A invisibilidade da experiência. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 16.

SOARES, Carmen Lúcia. (2021). Educação do corpo: apontamentos para historicidade de uma noção. Educar em Revista, Curitiba, v. 37, e76507, p. 1-20, 2021.

TRUTH, Sojourner. Speech Entitled “Ain’t I a Woman?”, Delivered at the 1851 Women’s Convention in Akron, Ohio. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso em: 06/09/2021.

VIGARELLO, Georges, (2006). História da beleza. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro.

¹ Graduada em Ciências Sociais e Mestranda em Educação. bfestevanato@gmail.com, +5519986080333

² Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança e Mestranda em Educação. d235744@dac.unicamp.br, +5575991600286